

# Livros de arte, livros sobre arte, livros de artista: múltiplas leituras

PROFA. DRA. LUCIANA GRUPPELLI LOPONTE<sup>1</sup>

**A** tarefa de pensar livros para as artes é um pouco inglória. É um grande desafio. Neste capítulo, compartilho com vocês um pouco das escolhas que fiz e do que penso sobre os *Livros que seu aluno pode ler* a partir das artes visuais. Como qualquer escolha, ela é pessoal, subjetiva e arbitrária. Nesse mesmo momento, eu já começo a pensar em outras possibilidades. Ao pensar sobre a ideia de levar um livro do campo das artes visuais para um aluno da Educação Básica, fiquei pensando no que, afinal, lemos em um livro. Em geral, pensamos em suas palavras escritas. Eu quero pensar, aqui com vocês, nas imagens, no que se pode ler além das palavras.

Muitas vezes, a narrativa escrita é considerada a principal, sendo que as imagens são consideradas narrativas acessórias, como meras ilustrações para divertir o leitor. Em parte, isso é verdadeiro, e também não é. Afinal, qual é o papel que as imagens cumprem ou podem cumprir em um livro? A minha primeira entrada para discutir a questão é pensar como nós lemos as imagens e ilustrações em um livro: se nossos olhos passam correndo, se acreditamos que essas imagens cumprem apenas uma função decorativa. Acredito que as imagens são narrativas que podem ser tão importantes quanto as narrativas escritas, dependendo da configuração que o livro tenha.

---

<sup>1</sup> Luciana Gruppelli Loponte é Licenciada em Educação Artística – Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Pelotas, Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente, é professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, RS, Brasil.

Mas o que há além das palavras? Em alguns livros, vemos que as imagens são, de fato, meras ilustrações da narrativa principal, mantendo uma relação literal com um texto verbal. No entanto, há aqueles que transcendem essa relação, criando uma narrativa visual própria tão potente quanto a narrativa escrita. Por isso cada livro com imagens constrói uma relação diferente com a palavra, uma relação que, às vezes, é de encontro, mas também pode ser de conflito e de descompasso.

É importante dizer, então, que as imagens são narrativas visuais que podem ser tão ou até mais importantes que a narrativa escrita, dependendo do livro e de como essa relação se estabelece. E, em alguns livros, essa narrativa visual pode ser a única, podendo também ser lida e interpretada. Às vezes, essa leitura é difícil tanto para o professor quanto para os alunos dos Ensinos Fundamental e Médio, pois entre texto e imagem há uma relação complexa que nem sempre é pacífica e tranquila, trata-se de uma luta, um combate entre palavra e imagem. Às vezes, a imagem diminui o texto ou o amplia e, em alguns casos, é mais interessante que o próprio texto. Esses encontros podem ser maravilhosos ou muito pobres. Trago, aqui, Foucault e a discussão que ele faz no texto *Isto não é um cachimbo*, a partir da leitura das célebres imagens criadas pelo artista René Magritte. Nas várias versões da obra *A traição das imagens*, de 1929, o artista belga apresenta a imagem de um cachimbo com os dizeres “*Ceci n’est pas une pipe*” (Isto não é um cachimbo).<sup>2</sup> O texto de Foucault, apesar de não ser propriamente um texto para um potencial leitor oriundo do Ensino Médio, discute a relação conturbada e “traidora” entre palavra e imagem. Em dado momento, ele diz:

“E entretanto, nesse espaço quebrado e à deriva, estranhas relações se tecem, intrusões se produzem, bruscas invasões destrutoras, quedas de imagens em meio às palavras, fulgores verbais que atravessam os desenhos e fazem-no voar em pedaços” (FOUCAULT, 1989, p. 48).

Quero, então, chamar atenção para que nos demoremos mais na leitura das imagens e ilustrações dos livros, produzindo interpretações

<sup>2</sup> Ver essa série de obras no link: <http://bi.adagp.fr/lb/index.php?selection=835&hash=5233&selname=Magritte>.

e novos significados. E, para isso, é importante aguçar o nosso olhar para descobrir as relações entre palavras e imagens mais potentes e interessantes e também perceber quais são as mais pobres esteticamente, pouco agregando ao texto verbal.

O convite que faço neste capítulo é que, antes de mais nada, possamos reler os livros que temos ou aqueles disponibilizados pela escola, de qualquer área de conhecimento, através de suas imagens. Acredito que todas as áreas de conhecimento que passaram pelo projeto *Livros que seu aluno pode ler* têm livros que podem ser relidos a partir do ponto de vista das imagens, inclusive os didáticos. Os livros didáticos de todas as áreas têm imagens de arte que passam despercebidas, na maior parte das vezes, por serem tratadas como meras ilustrações explicativas sobre fatos ou conceitos demonstrados. E raramente os alunos da Educação Básica, em especial na escola pública, têm contato com bons livros e catálogos de arte, que, em geral, são bastante caros. No entanto, podemos lançar um novo olhar para os livros que já fazem parte do projeto escolar<sup>3</sup>, tanto os livros de Literatura como os livros didáticos, que podem trazer imagens fantásticas, embora os professores frequentemente atribuam mais valor às palavras.

O convite é prestar atenção nas imagens dos livros de qualquer área, percebendo de que forma as artes visuais estão presentes, que papel as imagens cumprem na narrativa. Voltar ao livro e ler de novo, perguntando: quem é o artista; que técnicas e materiais foram utilizados; se a relação da imagem com o texto é uma relação apenas literal ou é aberta, capaz de transcender o texto; em que contexto cultural foi produzida essa imagem, entre muitas outras questões.

Ao analisarmos livros de Literatura com imagens, podemos ver, por exemplo, que quase sempre o nome do ilustrador está localizado abaixo do autor do texto ou escrito em letras menores, em uma parte de menos destaque. Quem é mesmo o autor do livro? Se é um bom livro, se o livro estabelece a relação entre palavra e imagem de um modo interessante e envolvente, tanto o ilustrador como o dito autor podem ter o mesmo peso para a leitura e interpretação da obra. Como podemos olhar para

---

<sup>3</sup> Considerando, por exemplo, o acervo escolar constituído a partir do PNBE – Programa Nacional de Biblioteca Escolar.

essas imagens de outra forma? A ideia é prestar atenção, ler de novo, olhar de novo essas imagens, indagar-se sobre elas. Como exemplo, podemos lembrar de algumas imagens que estão em quase todos os livros didáticos de História, ou em parte daqueles que passaram por nós durante a nossa formação. A obra *Independência ou morte* ou *O grito do Ipiranga*, de 1888, realizada por Pedro Américo, é quase presença obrigatória nos livros didáticos a respeito da história do Brasil, e podemos dizer que a maioria dos que passaram por uma escola brasileira nas últimas décadas já viram essa imagem ao menos uma vez. Esta é uma obra clássica de um período da história da arte brasileira, da Arte Acadêmica<sup>4</sup>, e que é vista, no livro, como uma ilustração literal de um fato histórico, como uma verdade incontestável. No entanto, é preciso estar atento a toda construção implícita aí. Trata-se de uma obra de estilo acadêmico, em que uma cena montada é criada dentro de um espaço sem recortes de paisagem, na qual tudo o que acontece cabe dentro da própria cena apresentada. Há aí, nessa imagem, a marca de um modo de representar um fato histórico que tem a ver com o modo de escrever história em uma determinada época. É uma ilustração “oficial” de um fato histórico e é, sobretudo, uma interpretação pessoal de uma determinada narrativa histórica. Podemos perguntar, por exemplo, por que apenas homens aparecem na cena, de que modo a ideia de um herói é ressaltada, de que modo as diferentes classes sociais são representadas. Ressalto que uma imagem como essa é uma escolha estética e política que pode dizer muito mais do que uma mera ilustração de um fato histórico que deveríamos aprender. Apenas ela poderia gerar muitas aulas, tanto de Arte quanto de História.

Outra imagem frequente em livros didáticos de história do Brasil é a *Primeira missa no Brasil*, obra de 1860, de Victor Meirelles. Nela também há questões culturais e políticas fortes: o modo como os indígenas são tratados; o que significou a chegada dos portugueses e sua evangelização civilizatória; visões românticas do Brasil, dos indígenas e da sua relação com o branco. Há uma escolha política importante através dessa imagem, que implica no reforço de uma determinada versão do “descobrimento” do Brasil a partir dela. Apesar de ser uma imagem quase obrigatória nos livros

---

<sup>4</sup> Sobre a Arte Acadêmica, ver o seguinte link: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=349](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=349).

didáticos de história do Brasil, pouco se discute a respeito da sua forma de apresentação. Uma leitura cuidadosa e detalhada dessa obra poderia gerar aulas bem interessantes de História e de Artes Visuais<sup>5</sup>.

Em relação aos livros de Literatura, podemos citar como exemplo a versão de *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes Saavedra (1955), com as ilustrações de Gustave Doré. Essas ilustrações são gravuras maravilhosas, cheias de detalhes, quase uma narrativa à parte de Cervantes, um casamento exemplar entre texto e imagem. Doré também fez a ilustração de uma versão de *A divina comédia*, de Dante Alighieri (1979), que apresenta um tipo de relação entre texto e imagem que transcende o suposto papel de ilustração, indo bem além de uma relação literal com o texto, com força própria. Cito também, como um exemplo mais próximo, a autora gaúcha Paula Mastroberti, escritora e artista, que produz os textos e ilustrações dos seus próprios livros voltados ao público juvenil, tais como *Angústia de Fausto* (MASTROBERTI, 2004) e *Retorno de Ulisses* (MASTROBERTI, 2007).

Ainda pensando nos livros de Arte, não posso deixar de mencionar um livro com o qual tenho uma relação bastante afetiva e que marca, de algum modo, a minha entrada no mundo visual das artes, que é um dos livros de uma antiga enciclopédia chamada *O mundo da criança*<sup>6</sup>. Nesta enciclopédia, bastante ingênua aos olhos contemporâneos, um dos fascículos chama-se “Para ver e rever” e apresenta textos em linguagem simples e imagens artísticas. Na primeira parte do livro, um texto de título “Olhe outra vez para ver melhor” é bastante sugestivo: “Artistas e suas obras de arte ajudam você a descobrir como todas as coisas podem ser interessantes” (*O mundo da criança: para ver e rever*, 1974, p. 5). Lia e me deliciava muito com esse livro quando eu era criança. Mais tarde, ao estudar Artes na universidade, reconheci várias imagens e artistas que eu havia aprendido a ver na infância. Esse foi um livro no qual me reconheci, que me introduziu no mundo de imagens artísticas, me fazendo “ver e rever”. Atualmente, encontramos no mercado editorial uma ampliação de títulos de livros com imagens para crianças e livros de arte para crianças.

<sup>5</sup> A respeito de uma abordagem contemporânea das imagens em aulas de arte, focando especificamente na imagem da obra *A primeira missa do Brasil*, de Victor Meirelles, ver o estudo de Franz e Hernández (2003).

<sup>6</sup> Essa enciclopédia foi produzida originalmente por uma editora americana (Field Enterprises Educational Corporation Merchandise Mart Plaza, de Chicago, Illinois), tendo várias edições adaptadas no Brasil, a partir do final dos anos 1960.

Na Feira do Livro de Porto Alegre de 2012, aconteceu a 8ª *Mostra Traçando Histórias*, que expõe aos potenciais leitores infantis e juvenis, e público em geral, um pouco dos bastidores da ilustração da literatura infanto-juvenil, disponibilizando as pranchas originais dos ilustradores e os respectivos livros. Era possível conhecer de perto o material e a técnica utilizada para fazer a ilustração: giz, giz pastel, lápis de cor, carvão, fotografia, colagem, pintura, montagem de objetos etc. Essa mostra é um bom exemplo de um trabalho que mostra e valoriza a ilustração, colocando-a no mesmo nível das demais produções visuais artísticas.

Outra porta de entrada do livro em relação às artes são os livros apenas de imagens, que encontramos atualmente em maior número no mercado editorial brasileiro. Há bons livros que fazem com o que o leitor precise ler as imagens em uma narrativa toda construída a partir delas. Um exemplo é o livro *À esquerda, à direita*, de Jimmy Liao (2012). Apesar de não ser inteiramente de imagens, estas são fundamentais ao livro em que duas pessoas se encontram e desencontram. É preciso estar atento para ler cada imagem e suas sutilezas, que podem ser percebidas com orientação de um professor.

Também podemos citar exemplos de boas histórias em quadrinhos que requerem uma leitura especial, principalmente as de boa qualidade visual e narrativa. A esse respeito, menciono um lançamento recente de Paula Mastroberti (2012), uma história em quadrinhos intitulada *Adormecida: cem anos para sempre*, que foge completamente da ideia da Bela Adormecida da Disney e que apresenta uma narrativa visual e espacial envolvente, de alta qualidade estética, demonstrada, por exemplo, pela transição de um quadrinho a outro e pela cuidadosa utilização de cores. Em relação às Artes Visuais, às vezes a história em quadrinhos é vista como algo menor, mas, dependendo do livro, ela é uma narrativa muito forte, de valor semelhante a qualquer outra publicação literária.

Temos, atualmente, disponíveis mais livros específicos de artes para crianças e jovens, tais como *O livro de arte para criança* (RENSHAW; FLETCHER; RUGGI, 2006), que apresenta um pouco da ideia do “Para ver e rever” da antiga enciclopédia Mundo da Criança. Entre os livros de arte para crianças, prevalecem os livros sobre artistas, que narram, de modo adaptado ao público, sua vida e obra. No entanto, é importante perceber

as diferenças que existem entre as biografias dos artistas apresentadas ao público infanto-juvenil.

Em primeiro lugar, é preciso se questionar sobre quem são os escolhidos para serem biografados ou cujas histórias são contadas. A coleção *Arte à primeira vista*, da Editora Paulinas, com livros de Renata Sant'Anna e Valquíria Prates (2007a, 2007b), conta com bons exemplos voltados para o público infantil e tem inovado tanto por trazer artistas contemporâneos para crianças e jovens quanto por apostar em um bom projeto gráfico-editorial. Esse tipo de abordagem é raridade no mercado editorial brasileiro. Em geral, os livros de arte para crianças reforçam ainda muitos clichês relacionados aos chamados "grandes artistas": gênios, homens, europeus, brancos. Nas infalíveis listas sempre estão Van Gogh, Picasso, Michelângelo, Leonardo da Vinci, entre outros que, indiscutivelmente, são artistas importantes, mas não os únicos. Nessa coleção, o público brasileiro pode conferir mais de perto um livro sobre artistas contemporâneos brasileiros ou que atuam no Brasil, como Frans Krajcberg, Lygia Clark, Regina Silveira, Leonilson. As edições são caprichadas, com boa qualidade visual e de texto, explorando de forma cuidadosa o trabalho de cada artista, sem adotar um tom didático. Pela forma como o material é apresentado, a arte contemporânea e seus artistas tornam-se conhecimentos acessíveis ao público leitor de várias idades.

Por outro lado, vemos publicações que mostram um outro modo de contar as vidas dos artistas, baseado principalmente no enfoque criado por Giorgio Vasari (2011) no livro *Vidas dos artistas*, publicado originalmente em 1550 e que recentemente ganhou uma edição em português. Este é considerado um dos primeiros livros de História da Arte e inaugura uma narrativa baseada na vida dos artistas, exaltando atributos como heroísmo, solidão, excentricidade e genialidade descoberta na infância. Em geral, as publicações disponíveis sobre artistas ao público infantil e juvenil remontam a esse tipo de narrativa, enfatizando a vida e o heroísmo de quase sempre os mesmos artistas europeus, homens, brancos e já mortos. Poucas vezes essas coleções trazem biografias de mulheres artistas, por exemplo. Como exceção, temos visto livros referindo-se à brasileira Tarsila do Amaral e à mexicana Frida Kahlo.

Com uma abordagem bem diferente, temos o livro *As vidas dos artistas*, de Calvin Tomkins (2009), publicação que poderia ser lida por um aluno do Ensino Médio e que estaria mais próximo do modo contemporâneo de fazer arte, com uma narrativa que explora uma crônica dos bastidores da vida e obra de artistas, tais como Damien Hirst, Jeff Koons, Richard Serra, Cindy Sherman, entre outros, isentando-se daquele tipo de narrativa lendária e heroica. O que é importante levar em conta é que a aproximação do leitor jovem da produção artística através de algumas biografias de artistas, dependendo do tipo de abordagem narrativa, pode reforçar alguns clichês em relação ao perfil de quem faz arte; que ele deveria ter um “dom”, preferencialmente despertado desde a infância, por exemplo.

Outra porta de entrada a respeito da leitura em Artes são os livros de artista. Com uma finalidade diferente de um livro sobre um artista, o livro de artista é ele mesmo um objeto artístico, que também pode ser apresentado aos alunos de Ensino Fundamental e Médio. Esses “livros” específicos não tratam sobre obras de arte ou das vidas de artistas, mas são eles mesmos o suporte artístico e a obra de arte. Temos exemplos polêmicos, como *O livro de carne*, de Arthur Barrio, e outros que transgridem os modos mais tradicionais de conceber e “ler” um livro, produzidos por artistas como Waltércio Caldas (1996) e William Kentridge (2012). O livro de Waltércio Caldas joga com imagens desfocadas de obras do pintor espanhol Diego Velázquez, e o livro de Kentridge faz uma intervenção em uma edição antiga da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, do escritor brasileiro Machado de Assis. Alguns desses livros encontram-se à venda, em especial em lojas ligadas a museus e instituições culturais, e outros são uma produção única dos artistas, apenas presente em exposições. No site *Livro de artista* (2013) é possível conhecer parte do acervo da coleção de livros de artista da Universidade Federal de Minas Gerais. Ainda sobre livros de arte, há uma grande produção de catálogos ligados a exposições, muitas vezes com preços acessíveis, que também podem ser lidos por jovens alunos. Destaco, por exemplo, a produção de material artístico e pedagógico oriundo das Bienais do Mercosul realizadas em Porto Alegre.

Um livro que está no caminho entre um livro de artista e um livro autobiográfico é *O diário de Frida Kahlo* (KAHLO, 2012), repleto de desenhos e escritas da artista. Um belíssimo livro que os jovens poderiam ler e entender melhor sobre os processos de criação dos artistas visuais.

A respeito dos livros que seu aluno pode ler na área de Artes Visuais, deixo algumas perguntas para pensarmos: lemos tudo o que há para ler em um livro? Como lemos as imagens nos livros? Qual o nosso olhar para as imagens dos livros?

Sobre Artes Visuais, é preciso pensar, então, nos livros *com* imagens, livros *de* imagens, livros *de* arte, livros *sobre* arte, livros *sobre* artistas, livros *de* artistas. E de que forma podemos pensar na aproximação entre leitura e Artes Visuais a partir desses vários tipos de livros? A ideia que lanço aqui é explorar, descobrir, viajar entre as imagens, olhar de novo para os seus próprios livros, não passar em vão pelas imagens. Podemos aprender muito sobre arte através de vários tipos de livros. As imagens artísticas são narrativas potentes e também podem ser lidas tanto quanto as narrativas escritas. Concluo com a frase de abertura do livro *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago (1995): “Se puderes olhar, vê. Se podes ver, repara.” Esse é o meu convite.

## Referências

- ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- CALDAS, Waltércio. *Velásquez*. São Paulo: Editora 24, 1996.
- CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*. São Paulo: Logos, 1955.
- FOUCAULT, Michel. *Isto não é um cachimbo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- FRANZ, Teresinha Sueli; HERNÁNDEZ, Fernando. *Educação para uma compreensão crítica da arte*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003.
- KAHLO, Frida. *O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- KENTRIDGE, William. *De como não fui ministro de estado*. São Paulo: IMS, 2012.
- LIAO, Jimmy. *À esquerda, à direita*. São Paulo: SM, 2012.
- LIVRO DE ARTISTA. Disponível em: <<http://coleccionivrodeartista.wordpress.com/>>. Acesso em: 10 dez. 2013.
- MASTROBERTI, Paula. *Adormecida: cem anos para sempre*. Porto Alegre: 8Inverso, 2012.

\_\_\_\_\_. *Angústia de Fausto*: recriação a partir da obra de Johann Wolfgang Von Goethe. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

\_\_\_\_\_. *Retorno de Ulisses*: recriação a partir da obra Odisséia de Homero. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MOSTRA TRAÇANDO HISTÓRIAS, 8., 2012. In: FEIRA DO LIVRO DE PORTO ALEGRE, 58., 2012, Porto Alegre.

O MUNDO da criança: para ver e rever. Rio de Janeiro: Delta, 1974. v. 13.

RENSHAW, Amanda; FLETCHER, Alan; RUGGI, Gilda Williams (Orgs.). *O livro de arte para criança*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANT'ANNA, Renata; PRATES, Valquíria. *Frans Kracjeberg: a obra que não queremos ver*. São Paulo: Paulinas, 2007a.

\_\_\_\_\_. *Gigante com flores*: Leonilson. São Paulo: Paulinas, 2007b.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TOMKINS, Calvin. *As vidas dos artistas*. São Paulo: BEI, 2009.

VASARI, Giorgio. *Vidas dos artistas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.